

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
INTERVENTIVA NA SAÚDE E NA ESCOLA

SOBRE A RELAÇÃO DA PSICANÁLISE COM AS NEUROCIÊNCIAS E A
PSICOPATOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE

FABIANO CHAGAS RABÊLO

FORTALEZA – CEARÁ
Março de 2004

SOBRE A RELAÇÃO DA PSICANÁLISE COM AS NEUROCIÊNCIAS E A
PSICOPATOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE

FABIANO CHAGAS RABÊLO

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA INTERVENTIVA NA
SAÚDE E NA ESCOLA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA – 2004

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Avaliação psicológica Interventiva na Saúde e na Escola pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na biblioteca central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita em conformidade com as normas da ética científica.

Fabiano Chagas Rabêlo

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Professora Doutora Helena Cláudia Frota de Holanda
(Orientadora)

Sumário

| | |
|--|----|
| Resumo e Abstract | 05 |
| 1 – Introdução | 06 |
| 2 - Toxicomania: um Hiato Para a Ciência | 08 |
| 3 - Psicanálise, Ciência e Cientificismo | 13 |
| 4 - Monografia Sobre as Afasias | 18 |
| 5 - O Projeto Para Uma Psicologia Científica | 23 |
| 6 - Os Artigos Metapsicológicos | 31 |
| 7 - O modelo das Matrizes de Figueiredo | 35 |
| 8 – Conclusão | 42 |
| 9 – Bibliografia | 45 |

Resumo

Nesta monografia é proposto uma discussão sobre o diálogo entre psicanálise e ciência na atualidade. Defende-se que, com os avanços das neuro e biociências, várias questões presentes no final do sec. XIX – momento este de delimitação do objeto da psicanálise - retornam e põe em questão a validade do método psicanalítico. Entre essas questões destaca-se a busca de uma etiologia em última instância fisiológica e química das doenças. Daí decorre uma terapia baseada preponderantemente em instrumentos farmacológicos. Sugere-se que a toxicomania é um reflexo desta tendência. É proposto um retorno aos textos prepsicanalítico para ressaltar a especificidade da psicanálise a partir de uma determinada concepção de linguagem e energia psíquica.

Palavras Chaves: Linguagem, Energia Psíquica, pulsão, Neurociência e Psicoanálise

Abstract

In this paper is suggested a discussion about the relationship nowadays between psychoanalysis and science. We are the opinion that, with the development of the neuro and bioscience, many questions presents in the end of 19. century – moment of the beginning of the psychoanalysis - are back. Its makes arise doubts about the efficiency of psychoanalytic methodology itself. Among this questions is underlined the search for a physiological and chemical causality as last fundament of all diseases. The development of the pharmacological therapy and growth of drugaddiction cases are considered consequence of this trend. It's suggested a return to the pre-psychoanalytic texts of Freud to defeat that the specificity of psychoanalysis lay on two conceptions: language and psychic energy.

Keywords: Language, Psychic Energy, Drive, Neuroscience, psychoanalysis

1 – Introdução

Este Trabalho foi realizado como monografia de conclusão do curso de especialização em avaliação psicológica na saúde na escola. Este curso foi dividido em módulos optativos. Optei pelo módulo que priorizou o campo de interação com a área de saúde, em especial com os avanços da neurociência. Houveram vários profissionais, entre eles médicos e psicólogos, que se dispuseram a apresentar os novos instrumentos de avaliação neuropsicológica na atualidade.

Esta situação remeteu a questionamentos sobre a assimilação destes instrumentos pelos psicólogos e o efeito disto sobre sua prática. O desenvolvimento e as novas descobertas das neuro e bio-ciências introduziram elementos, diante dos quais os profissionais das psicologias devem se posicionar. Por outro lado, assimilá-las pura e simplesmente e buscar uma prática baseado na aplicação de técnicas importadas de outros campos é subestimar o potencial das teorias psicológicas e mesmo o esfacelamento do seu campo de atuação.

Acredita-se que a fragmentação da psicologia e a diversidade de sua área de atuação suscitam crises que podem ser até benéficas, a depender das soluções encontradas como resposta a elas. Acredita-se que aí se impõe um debate sobre o lugar epistemológico das psicologias, principalmente no que toca ao diálogo com as áreas citadas.

É fundamental para se pensar esta questão referência a Figueiredo a respeito das matrizes psicológicas. Neste texto ele desenvolve o tema da fragmentação epistemológica das psicologias e constrói uma crítica severa ao ecletismo presente em algumas práticas psicológicas. Ele contrapõe ecletismo ao hibridismo: o primeiro seria resultado da justaposição de técnicas e teorias e comporia um mosaico sem unidade; já o segundo seria o resultado da articulação teórica de elementos provenientes de campos diferentes e formaria

uma prática coerente e inédita. Para ele, a psicanálise seria o exemplo de um híbrido.

Esta reflexão levou a dedicar a escrita desta monografia a seguinte pergunta: quais são os efeitos do desenvolvimento tecnológico ocorrido nas ciências de saúde sobre as psicologias e, em especial, a psicanálise, quanto a sua prática e a seu objeto de estudo? Como anda o diálogo entre esses campos?

Soma-se a isto o meu interesse no estudo das toxicomanias. Acredita-se que a respeito deste tema o problema do diálogo entre estas disciplinas se coloca de maneira urgente e requer um campo de entendimento mínimo comum. Como isso seria possível?

Assim, o primeiro capítulo tratará da relação entre toxicomania e ciência. Será proposto a partir daí uma leitura psicanalítica deste fenômeno. Numa referência a Roudinesco, será feita menção à idéia de cientificismo para se pensar esta questão. Espera-se com isso salientar a especificidade da prática psicanalítica e sua irreducibilidade a outros discursos. Será sugerido que tal especificidade se baseia na relação particular entre linguagem e corpo que ela propõe.

Em seguida serão discutidos dois textos da última década do século XIX em que Freud ainda trabalhava dentro do campo da neurologia. No entanto, defender-se-á que, mesmo assim, ele se afasta gradualmente desta linha à medida que se aprofunda no estudo da linguagem e da clínica das neuroses. Esse movimento culminará no imbricamento de duas noções consideradas chaves, representação e energia psíquica. Esta posição ficará mais explicitada no estabelecimento da noção metapsicológica de pulsão. Portanto, logo após um capítulo será dedicado a discussão do conceito de pulsão e da noção de metapsicologia como garantia metodológica da psicanálise.

Por fim, será retomado o tema do diálogo difícil e problemático da psicanálise com a psicopatologia e as bio e neurociências. Será feita referência ao modelo das matrizes psicológicas de Figueiredo (1991) para se pensar esta questão. Também se retomará a crítica de Birman (1999) sobre a tendência atual de se reduzir a psicanálise a outras práticas científicas.

2 – Toxicomania: um Hiato Para a Ciência

Este texto brotou, em parte, de uma inquietação decorrente de um trabalho de escuta terapêutica realizada com toxicômanos. Percebe-se neste campo a existência de uma multiplicidade de horizontes éticos em relação ao diagnóstico e à direção do tratamento. Eles geram uma miscelânea de posições em que senso comum e elaborações teóricas de diferentes fundamentos se misturam. Essa situação impõe uma reflexão: Qual o estatuto patológico da toxicomania? Se ela pode ser qualificada como uma doença, o que torna isso possível? Quais são suas características principais?

De acordo com a OMS - Organização Mundial de Saúde - doença seria um mal estar bio-psíquico e social. A dependência química é definida, por sua vez, como uma doença peculiar: incurável, progressiva e de consequências fatais. Por isso demandaria um tratamento crônico, assim como aquele dedicado à diabetes e à pressão alta.

Esta idéia parece ser consenso entre diversos especialistas de diferentes áreas que tratam do tema e é divulgado em profusão pela mídia. E é até possível que corresponda a realidade. No entanto, é importante notar que a determinação da relação entre causa física e doença difere bastante entre a diabetes e hipertensão, por um lado, e a dependência, por outro. O que, por si só, demandaria uma revisão desta assertiva. Muitas pessoas fazem a partir daí a distinção entre duas formas de dependência: a química e a psicológica. Contudo, tal classificação tendem considerar esta última efeito da primeira. Mesmo aceitando a influência bioquímica que estas substâncias impõe ao organismo, defende-se que os aspectos sociais e psíquicos são subvalorizados nesta tríade.

Acredita-se que para avançar sobre esta questão se faz necessário a existência de um campo de diálogo que possibilite um debate e um trabalho multidisciplinar. Ao contrário, constata-se a coexistência de diversas visões

sobre o problema. Este ecletismo no entanto não é suficiente para fomentar um diálogo produtivo.

Na prática constata-se o predomínio de terapias baseadas em pressupostos religiosos (12 passos, grupos de auto-ajuda, fazendas de recuperação) e terapias medicamentosas. Muitas vezes convivendo mutuamente.

Na outra ponta, como uma tentativa de se criar um embasamento psicológico e científico destas premissas, percebe-se forte desenvolvimento de trabalhos da linha cognitivo-comportamental sobre a questão da dependência química. A linha cognitivo comportamental é uma atualização do comportamentalismo à luz das novas teorias cognitivas. Ela prega como fundamento básico para a compreensão do comportamento humano a existência de um sistema de processamento de informações pelo cérebro. Este sistema seria responsável pela avaliação que uma pessoa faz de uma situação e sua resposta a ela. Logo esse sistema poderia ser apontado como causa da adequação ou não das atitudes aos estímulos e ao contexto social. Desta forma, adoecer seria um processo causado por crenças distorcidas que culminariam na formação de reações não assertivas (Knapp, 1997). Esta linha é efeito direto do desenvolvimento das neurociências e é uma resposta a elas pela psicologia. Sua concepção de homem é a do homem cognitivo.

A Linha cognitivo-comportamental é atualmente a teoria que baliza o tratamento terapêutico oferecido em várias instituições psiquiátricas. Isto se deve principalmente por três motivos: pelo fato de possibilitar uma terapia breve focada no sintoma; por partilhar da nosografia e da concepção de doença presente nos códigos de classificação; e por fim, por se colocar como tratamento suplementar à intervenção farmacológica. Pode-se afirmar que a eficácia e a metodologia utilizada por essa linha teórica mantém fortes e próximos vínculos com as bio- e neurociências.

É importante lembrar com Beauchesne (1989) o distanciamento gradual entre psicanálise e psiquiatria durante as últimas décadas, distanciamento este paralelo ao desenvolvimento da farmacologia e seu estabelecimento como meio principal de tratamento. A escalada da farmacologia é respaldada por sua

vez pelo desenvolvimento das ciências neurológicas e genéticas, que reativaram o ideal de se encontrar uma causa física de toda doença.

Defende-se que um dos prováveis motivos para o estabelecimento deste estado de coisas seja a ausência de uma teoria psicológica sobre a dependência. Uma teoria que seja capaz de influenciar e de se modificar em contato com outros campos, respeitando, é claro, sua orientação ética e metodológica.

Não se sabe se isso ocorre por falta de interesse dos profissionais destas áreas, por questões institucionais ou por reservas metodológicas. Provavelmente por uma miscelânea de todas essas questões. Todavia, ao comparar a psicanálise com a terapia cognitivo-comportamental, fica evidente o diálogo problemático entre a primeira com outros campos da ciência da saúde e fácil inserção da segunda.

Talvez o sucesso alcançado pela área cognitivo-comportamental se deva ao fracasso da psicologia em realizar as tarefas acima enunciadas. Além disso, remetendo-se especificamente a questão da dependência, a maioria dos autores dessa linha sustentam a partir de suas explicações os pressupostos inicialmente colocados pelos grupos de auto-ajuda, a saber, de que a dependência química seria uma doença incurável, porém sujeita a um tratamento crônico (Focchi, 2001).

A psicanálise é uma das teorias psicológicas mais consistentes e poderia fornecer elementos para uma crítica a essa posição. Entretanto, o que se constata é o distanciamento entre ela e outros campos da área de saúde.

Toma-se aqui esta questão como um preâmbulo. Espera-se a partir dela introduzir alguns aspectos sobre a relação das toxicomanias com o que será chamado de cientificismo e, com isso, levantar elementos para uma discussão sobre o diálogo entre a psicanálise e as denominadas neurociências.

Cabe perguntar a partir destes argumentos: como se dá atualmente a relação da psicanálise com outros campos da ciência? Soma-se a isto duas provocações: a primeira de Figueiredo (2000), que se refere a uma outra funcionalidade da psicanálise e ao seu lugar de enclave na modernidade. A outra, de Birman, (1999) que aponta para uma tendência atual da

psicopatologia em se descolar da psicanálise. Birman (Ibidem) ressalta também a existência de um movimento de adaptação da psicanálise ao modelo das bio e neurociências.

Houve daí a formulação de mais questões: o que demarca a especificidade de cada um desses campos (psicanálise, ciência e psicopatologia)? Quais seriam as conseqüências da assimilação da psicanálise à lógica de funcionamento do discurso científico, no modelo das ciências naturais? Há a possibilidade de se esgotar a explicação dos processos psíquicos por modelos bioquímicos e neurológicos?

Essas indagações remetem aos textos pré-psicanalíticos escritos por Freud. O retorno a eles seria pertinente para se avaliar a proximidade e distância do campo freudiano do das neuro e biociências. Trata-se de textos preñhes de contradições, que os levam tanto a ser considerado por alguns como um precursor do que mais tardiamente seria denominado por metapsicologia e, por outros, como textos científicos especulativos que poderiam ser reabilitados, caso sejam colocados à prova diante das novas teorias e técnicas.

Para alguns que defendem esta segunda posição, o *projeto* - a luz dos novos avanços da ciência - poderia ser retomado e corrigido. Deste modo, estaria comprovado que a psicanálise não seria mais que uma ciência desvirtuada por uma metodologia sem rigor. Corrigindo-a, ela seria submetida ao saber e ao método científico corrente.

Já para os que defendem a primeira posição, a metapsicologia seria a base da metodologia psicanalítica e os limites de sua validade. Excluí-la, significaria destituir a prática psicanalítica de sua especificidade, logo, também de sua pertinência.

Mas haveria a possibilidade de uma outra posição? De outra forma de diálogo entre ciência e psicanálise? Se sim, como se daria esse diálogo? Defende-se que um passo nesta direção é fundamental para se pensar o problema da dependência em toda a sua amplitude. É com este horizonte em vista que este trabalho se constitui.

Por isso é proposto uma leitura dos textos: monografia sobre as afasias e o *projeto*, cotejando-a com a opinião de comentadores. Em seguida será contraposto alguns textos freudianos psicanalíticos, principalmente os chamados artigos metapsicológicos. A ênfase da análise recairá na relação entre linguagem e corpo em cada um desses momentos de articulação teórica. A âncora desta relação é a noção de energia que receberá posteriormente a denominação de pulsão.

Feito este percurso voltar-se-á a indagação sobre a relação entre psicanálise e ciência para, em seguida, elaborar uma resposta, mesmo que provisória e incompleta, para as questões levantadas neste capítulo. Por ora, será retomado o tema da relação entre psicanálise e ciência.

3 – Psicanálise, ciência e Cientificismo

Para a psiquiatria atualmente, em se tratando das toxicomanias, a ênfase na explicação dos processos patológicos recai na bioquímica. A classificação nosográfica que embasa sua prática tem como ponto central a identificação da substância psicoativa, o modo e a frequência de uso, bem como os efeitos que a abstinência suscita. O tratamento oferecido também remete a utilização de outras drogas. O fenômeno da dependência seria, dentro desta lógica, essencialmente químico, tanto no tratamento, como na diretriz diagnóstica.

Pode-se afirmar que a dependência química demanda, embasa e põe em questão a produção de um determinado saber sobre ela. Cria-se uma rede de relações na qual o próprio *pharmakon* surge como causa e solução para um mal-estar.

Isto leva a afirmar que as toxicomanias surgem a reboque de uma ciência idealizada, que será denominada aqui, assim como proposto por Roudinesco (2000), de cientificismo.

O toxicômano busca sobrepor sua satisfação a uma relação linear e naturalizada com um objeto. Pode-se dizer que esta é a própria meta do cientificismo, na medida em que objetiva desvendar como fundamento último do humano uma lógica baseada em processos físicos e químicos.

Freud (1972 g) qualificou a religião como uma forma de ilusão. Muito se fala da ilusão das drogas. Sugere-se a partir daí que é possível também afirmar que há ilusões criadas a partir da ciência. O vínculo entre religião e ciência é identificado por Roudinesco (2000) naquilo que denomina de cientificismo:

“Como teologia leiga, o cientificismo acompanha incessantemente o discurso da ciência e a evolução das ciências na pretensão de resolver todos os problemas humanos por uma crença na determinação absoluta da capacidade que tem A ciência de resolvê-los.” (Ibidem, p. 60)

A psicanálise se estabelece hoje como uma das teorias psicológicas mais consistentes. Ela possibilitou formular uma alternativa crítica a este ideal latente de ciência, que ainda hoje permanece pertinente. Uma crítica igualmente racional e científica. No entanto, paradoxalmente, a psicanálise tem suas raízes fincadas na tradição científica e cientificista do final do séc. XIX.

Sabe-se que a formação acadêmica de Freud era de médico neurologista e que ele se engajou em vários trabalhos nesta área na universidade de Viena. Ilustrando este momento de seu pensamento encontra-se a monografia sobre as afasias e o projeto para uma psicologia científica. Este último é denominado também pelo autor como psicologia para neurologistas, visto sua intenção de acomodar as duas áreas num só modelo teórico.

Em relação ao primeiro texto, acredita-se ser importante estudá-lo pois é defendido aí uma concepção acentuadamente mais dinâmica do processamento da linguagem pelo cérebro, em detrimento de uma explicação que enfatiza a localização topológica, portanto, estática. Trata-se de uma idéia cara a Freud que ganhará força, mesmo quando estes lugares “cerebrais” forem substituídos por instâncias psíquicas.

Além disto, acredita-se que esta ênfase em um funcionamento dinâmico do psiquismo, característica esta que marca toda a sua obra, ocorre justamente pela problematização dos fenômenos da linguagem. É importante insistir na importância que a linguagem exerce para a formação e delimitação do campo psicanalítico. Isto é necessário pois é a partir da linguagem que a psicanálise ganha autonomia em relação a medicina e neurologia.

Alguns autores como Smith (2002) buscam caracterizar Freud como o criador de um modelo cognitivo. Este autor chega mesmo a indicar que o modelo sugerido no livro sobre as afasias estaria em consonância com a descoberta de novas teorias cognitivas. Aponta como exemplo disto a recente hipótese da memória holográfica.

Freud também fez uma incursão pelo campo da bioquímica. Ele não só pesquisou os efeitos terapêuticos da cocaína, como também chegou a se manifestar entusiasticamente sobre eles (Byck, 1989). Trata-se de um ponto controverso de sua biografia. Sabe-se que ele chegou a indicar o uso de tal

substância para um amigo dependente de morfina por acreditar que não causaria dependência. Gay (1989) afirma que Freud chegou ele próprio a usar a cocaína, inclusive indicando o mesmo para sua noiva como tratamento para a fadiga.

Isto, contudo, não é motivo de espanto pois Freud partilhava do espírito científico de sua época e a escalada da cultura das drogas não pode ser entendida dissociada de uma cultura científica e de mercado. O curioso é que Byck (1989), assim como Smith (2002) faz em relação ao cognitivismo, chega mesmo a apontar Freud como um precursor e pioneiro da psicofarmacologia.

Estas preocupações estiveram presentes nos trabalhos de Freud, em especial no início de sua carreira. Entretanto, a partir de determinado momento suas pesquisas tomaram rumos diferentes. Esta mudança ocorre à medida que ele passou a priorizar a linguagem como processo de cura.

Pode-se dizer que o que ele funda e batiza de psicanálise se relaciona de maneira contraditória com o espírito científico de sua época: se por um lado se apresenta como fruto dele e, em certos aspectos, em consonância com seu modo de pensar; por outro, demonstra um rompimento claro com algumas de suas idéias. A psicanálise brotou dos impasses surgidos da ciência no final do século XIX e rompe com alguns de seus preceitos, ao mesmo tempo que mantém na ciência fortes raízes fincadas.

O “Projeto para uma Psicologia Científica” é o texto pré-psicanalítico que mais ilustra o campo heterogêneo de onde a psicanálise surgiu. Nele é enunciado idéias que podem ser entendidas de modo diferentes, a depender da formação e intenção do leitor. De certo, não se trata de um texto com uma mensagem unívoca. Antes, é um rascunho de idéias. Gay (1989) relata que Freud se referia a este texto ora com hesitação e descrença, ora com um certo entusiasmo febril. Foi um texto que o autor nunca autorizou sua publicação, que ocorreu contra a sua vontade após sua morte.

O retorno a estes textos é necessário para se pensar a relação da psicanálise com a ciência na atualidade. A referência a eles não se trata portanto de mero preciosismo ou curiosidade histórica.

Afirmar que há uma relação contraditória entre psicanálise e ciência não autoriza a considerar que inexista uma coesão metodológica na psicanálise. Pelo contrário, por se acreditar na pertinência e na materialidade de seu método, é que se propõe uma retomada destes textos.

O acolhimento da psicanálise nos meios científicos se deu tardiamente. Esta heterogeneidade existente entre a psicanálise e a ciência do final do século XIX rendeu anos de isolamento à seu criador. Por outro lado, é curioso constatar que, superada esta dificuldade inicial que marca a primeira década da produção freudiana psicanalítica, a psicanálise marcou o pensamento do século XX de maneira indelével, sem, contudo, deixar de criar controvérsias. Isto cria situações inusitadas: ora Freud é apontado como precursor de uma ciência cognitiva, como aponta Smith (Op. Cit.), e de uma psicofarmacologia, como o faz Byck (Op. Cit.); ora é mencionado como um autor de idéias obscuras e sem muito rigor científico, ainda que possua um forte alicerce clínico, como se delineia a crítica de Pribram e Gill (1976).

Hoje algumas pessoas se referem a psicanálise como uma técnica ultrapassada, demasiadamente demorada e dispendiosa. Fala-se dos novos medicamentos desenvolvidos pela indústria farmacêutica que viriam a torná-la desnecessária. A psicanálise seria assim, substituída por novas drogas.

Defende-se que muitas idéias científicas existentes no final do século XIX encontram hoje acolhida devido ao desenvolvimento de novas tecnologias. Podemos citar como exemplo disto, além da criação de novas drogas psicofarmacológicas, o aperfeiçoamento de técnicas de microscopia não invasivas e a descoberta de alguns mecanismos genéticos de síntese de proteínas e outras substâncias pelo organismo. Elas permitem investigar com mais acuidade a pertinência de muitas hipóteses levantadas sobre o funcionamento do organismo e do cérebro. A investigação clínica toma a partir daí novos contornos.

Mas isso invalidaria o método e a prática psicanalítica? Resta perguntar se os impasses da ciência que possibilitaram o surgimento da psicanálise foram totalmente superados. Acredita-se que não e que a dependência

química, elevada a condição de um surto da modernidade, está associada a esta questão.

A psicanálise sempre ocupou uma posição próxima da psicopatologia e do discurso científico, mas nunca foi incorporada nem a um, nem a outro. Pode-se dizer que se tratam de relações que comportam movimentos de aproximação e distanciamento.

4 - Monografia Sobre as Afasias

Freud (2001 a) inicia este texto fazendo uma retrospectiva do debate sobre as afasias para, em seguida, delinear o seu campo de interesse. Não será feito aqui um relato completo desta revisão bibliográfica. É intuito pontuar a partir de um fragmento desta discussão algo que surgirá diversas vezes na carreira de Freud, a saber, como ele circunscreve um campo onde se apresenta um hiato na explicação científica; como ele não se contenta em imputar a estes fenômenos uma causalidade fisiológica ou hereditária presumida e, por fim; como ele encontra soluções criativas e racionais dentro de uma metodologia sistematizada para essas situações que se lhe apresentam.

A afasia foi o primeiro passo de uma carreira marcada por esta preocupação. Estas características de sua curiosidade intelectual seriam demonstradas posteriormente em seus trabalhos com hipnose, histeria, sonhos, chistes e atos falhos.

Acredita-se que é com esta preocupação que introduz o debate entre Wernicke e Lichtheim. O pano de fundo desta discussão é a relação entre funcionalidade da linguagem e localização anatômica. Lichteheim teria enfatizado, de acordo com Freud, o papel de instâncias interdependentes no funcionamento cognitivo da linguagem. Wernicke, por sua vez, partiu da constatação da correlação entre lesão fisiológica e um determinado quadro patológico. O que teria levado, ao contrário de Lichtheim, a dar maior peso à localização anatômica na explicação das afasias (Ibidem).

Sem querer entrar no mérito na pertinência das idéias de Lichtheim, é importante notar em sua obra uma maior liberdade em relação à fisiologia na explicação causal das afasias quando comparado a Wernicke, sem, contudo dispensá-la. Ao invés de buscar parear determinados tipos de afasias com lesões localizadas em áreas específicas do cérebro, ele sugere que haveria a possibilidade de uma perturbação da linguagem pela ocorrência de distúrbio do

funcionamento nas vias de comunicação entre áreas do cérebro. Tratar-se-ia da afasia de condução.

Lichteheim lança mão de recursos teóricos como, por exemplo, a noção de aparelho linguístico (*Sprachapparat*) (Ibidem, p. 44). Com isso funda uma topologia esquemática para explicar o funcionamento da linguagem e, assim, compreender melhor as possíveis patologias aí relacionadas. Percebe-se que a preocupação em dar conta da patologia através da clínica surge em seu trabalho como uma diretriz ao lado da fisiologia. Percebe-se nele a valorização da clínica das afasias em detrimento dos exames *post-mortem*, preponderante nos trabalhos de Wernicke.

No entanto, é importante notar que o trabalho de Lichteheim só se faz possível a partir de uma crítica sobre a abrangência da teoria de Wernicke. O próprio Wernicke, de acordo com Freud, não acreditava em uma sobreposição completa das funções da linguagem com uma localização cerebral estanque. Ele teria sugerido, de acordo com Freud (Ibidem), a distinção entre funções psíquicas primárias (mais elementares e, por isso, delimitada a uma área do cérebro) e secundárias (mais complexas determinadas pela interação de áreas diferentes). Assim teria defendido que seria possível apenas uma localização anatômica clara das funções primárias. As demais teriam seu substrato físico espalhado em diversas regiões do cérebro, o que dificultaria ou mesmo impossibilitaria sua localização. Freud, por sua vez, denomina estas áreas difusas do cérebro de sistema associativo.

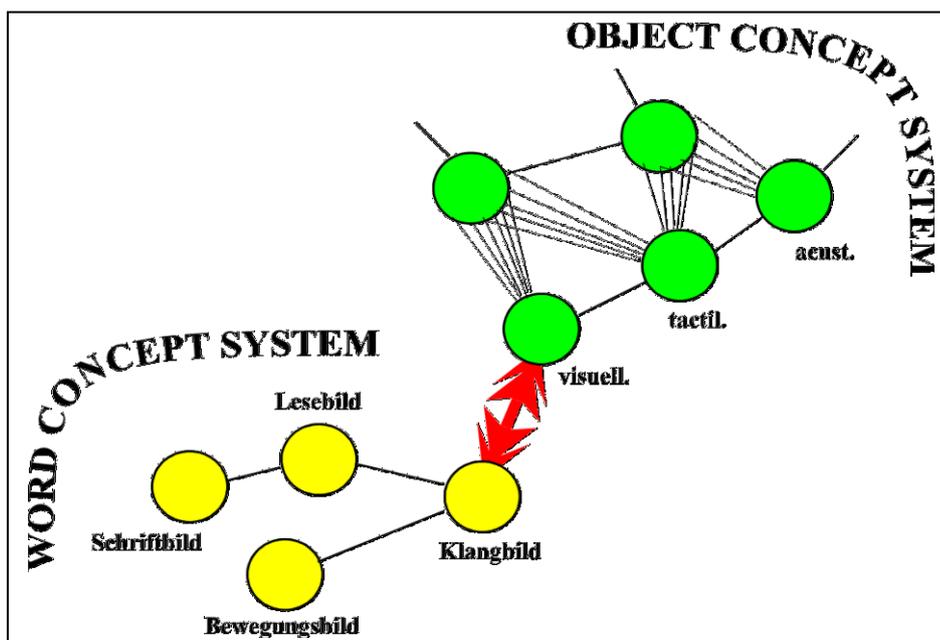
Tal idéia talvez seja corroborada pela constatação na clínica de que uma lesão cerebral dificilmente afeta apenas uma função específica da linguagem, atingindo antes o conjunto das funções, sendo algumas em maior, outras em menor grau.

É importante notar que, de acordo com Freud (Ibidem), a memória para Wernicke seria uma função psíquica difusa, de tal maneira que cada célula do sistema nervoso seria capaz de armazenar traços de mnêmicos duradouros ao serem afetadas por todo e qualquer estímulo sensorio. Vale ressaltar as semelhança destas idéias com o projeto (1989 b), no qual Freud parte da hipótese dos neurônios como unidade básica do aparelho psíquico e imputa a

determinada classe de neurônios a função da memória. Logo não haveria para ele em princípio uma área do cérebro responsável pela função mnêmica.

Freud (2001 a) afirma que, apesar de relativizar o modelo de Wernicke, Lichtheim sustentava a hipótese de localização anatômica cerebral, mesmo que de forma difusa. Freud acentuará esta crítica e se distanciará do pressuposto de uma localização anatômica ao propor um modelo compreensivo que enfatiza a linguagem e as representações.

Este modelo de funcionamento da linguagem basear-se-ia em instâncias psíquicas interdependentes, não necessariamente localizáveis (ver fig. 1). Para ele a linguagem seria determinada por uma unidade representativa formada pela associação de elementos sonoros (Wortassociationen), por um lado, e elementos sensíveis do objeto (Objectassociationen), por outro. Cada um destes núcleos associativos seriam formados pela conjunção de sub-elementos. Os elementos representativos da palavra seriam constituídos pela ligação da imagem escrita (*Schriftbild*), da imagem da leitura (*Lesebild*), da imagem da movimentação dos lábios (*Bewegungsbild*) e da imagem sonora (*Klangbild*). Os elementos do objeto seriam formados pela associação de imagens visual (*Visuell*), tátil (*Tactil*) e acústica (*Acust.*) (Ibidem, p. 121).



(Figura 1)¹

¹ Figura retirada do sítio <http://www.smithsrisca.demon.co.uk/PSYfreud1891.html>. Trata-se de uma reprodução de um esquema presente no original de Freud .

Esse esquema de Freud antecipa o que alguns anos depois seria sistematizado por Saussure através do algoritmo do signo. Saussure estabelece como relação fundamental da linguagem a ligação estabelecida entre significado e significante. O primeiro, como representação da imagem sensível do objeto; o segundo, como representante da imagem acústica. A associação entre ambas não teria nenhuma conotação natural. Seria uma relação arbitrária. Lacan (1998) no texto a “instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” propõe uma releitura de Freud à Luz da linguística estruturalista de Saussure. Uma de suas intenções com essa crítica era a de se opor a uma corrente que tomava a psicanálise como uma prática médica e biologizante. Freud se opôs contra essa última posição de forma clara, textual e inequívoca (Freud 2001 b).

O texto sobre as afasias permite antever várias posições de Freud caras ao desenvolvimento subsequente de seu trabalho. Pode-se destacar de início seu interesse em fatos que escapavam ao alcance dos métodos científicos disponíveis à época. Sua resposta a esta situação, mesmo em um trabalho teórico, foi a de valorizar os fenômenos da linguagem no relato de casos clínicos. Daí decorre uma relação peculiar com a anatomia: Se por um lado não nega sua importância, por outro não parte dela como um objetivo *a priori*.

Isto acarreta a criação de modelos topológicos não anatômicos. É interessante como Freud toma a noção de aparelho de linguagem e utiliza-o de modo mais independente em relação a localização anatômica. Daí ele buscaria em outro lugar a base material para seu modelo, a saber, no sistema de representações.

No entanto, este modelo aponta para o fato de que a linguagem não poderia ser tomada como um sistema fechado e, portanto, a explicação de seu funcionamento não se reduziria a uma explicação biológica. Daí advém também o questionamento da própria noção de realidade, o que requer a elaboração de uma nova noção de causalidade e uma nova proposta ética.

Ele debaterá esta questão ao inserir a noção de energia. Com isso, ele oscilará entre posições opostas e tentará reconciliá-las. Entre uma explicação fisiológica e uma psicológica, ao tentar submeter está última à primeira, acaba

por alicerçar os primeiros tijolos do que viria a constituir uma sólida teoria e terapêutica psicológica.

5 – O Projeto Para Uma Psicologia Científica

No “Projeto para uma Psicologia Científica” Freud (1989 b) se propõe fundamentar um modelo de psicologia baseado nos parâmetros das ciências naturais. Sabe-se que esse texto nunca foi divulgado pelo seu autor, a não ser na forma de cartas e para um único interlocutor: Fliess, seu amigo médico de Berlim. A publicação deste escrito se deu após a morte de Freud e contra a vontade do autor. Trata-se portanto de um texto póstumo.

James Strachey (Freud 1989 a), o tradutor de Freud para o Inglês, comenta tais correspondências com Fliess e ressalta nelas a oscilação da expectativa de Freud em relação ao Projeto: ora mencionava-o com euforia, ora com descrença e melancolia. Pode-se perceber aí uma ambivalência que marcou a relação do pai da psicanálise com a ciência e que perpassou toda a sua obra. Ambivalência que se dirá consequência de um movimento de inclusão e não-inclusão ao discurso científico e que lhe garantiu a criação de um novo campo de atuação baseado em uma proposta ética diferenciada.

Segundo Santiago (2001), Freud nunca transformou seu ideal de ciência numa ciência ideal. Ou seja, ele manteve um posicionamento crítico em relação a uma noção onipotente de ciência. Por outro lado, também nunca deixou de nutrir esperanças na capacidade da ciência de gerar respostas e soluções para os problemas da humanidade. Pode-se dizer que Freud era adepto de um racionalismo iluminista e que buscou estender o seu interesse a temas até então considerados irracionais e obscuros.

Esta questão é central para dar conta dos problemas levantados neste trabalho. Defender-se-á que Freud, apesar de não ignorar o modelo científico moderno e mesmo em alguns momentos buscar aproximações com ele, não se deixa incluir aí em sua totalidade. A complexidade do pensamento de Freud comporta posições aparentemente díspares. Se por um lado avaliza a crença de que a ciência seria capaz de alcançar o significado último das coisas, por outro caracteriza esse ideal como uma ilusão, já que defende a existência de

um mal-estar constitutivo ao humano (1972 e). Portanto, insuperável, independente de qualquer técnica criada para dirimi-lo.

Assim, em alguns momentos de sua obra, expressou a crença de que com o desenvolvimento da ciência os substratos físicos e biológicos que subjazem aos conceitos psicanalíticos poderiam ser identificados e manipulados, o que talvez tornasse a própria psicanálise desnecessária (1972 d).

É estranha a menção por Freud nos escritos psicanalíticos de uma substancialidade corpórea dos processos psíquicos, mesmo que na forma de um ideal lançado para o futuro. Sabe-se que ele não nega a importância da biologia e da anatomia, mas não é nessa seara que delimita a especificidade do saber psicanalítico.

Para abordar o problema da especificidade e da materialidade em que se funda a psicanálise, faz-se necessário abordar o conceito de pulsão. Sugere-se que nele está presente o suporte teórico e prático que possibilita o movimento de balança, que é peculiar à relação da psicanálise com a ciência e que define a especificidade do discurso psicanalítico e de sua ação.

A pulsão é situada na fronteira entre o psíquico e o corpóreo. Não se deixa reduzir nem a um, nem a outro. Freud (1972 a), em nota aos *3 Ensaios*, avalia tal conceito como um dos mais importantes da psicanálise, mas ao mesmo tempo um dos mais incompletos e problemáticos.

Acredita-se que tal incompletude, esse lugar *entre*, é estratégico pois proporciona a Freud a possibilidade de trabalhar com um modelo aberto de saber, que não se restringe a exatidão e mensuração, meta das ciências naturais.

A teoria da pulsão encontra seus antecedentes no Projeto. Pode-se constatar neste texto o conflito entre concepções diferentes do funcionamento psíquico, o que acarreta na constituição de um novo campo de saber. Podemos citar como exemplo disto o abandono gradual de uma perspectiva estritamente fisiológica, a existência de um enfoque econômico da psique e o enlaçamento deste último com a noção de representação.

Neste texto é proposto o modelo de funcionamento psíquico a partir da existência de uma energia quantitativamente mensurável (Q) que transitaria em partículas materiais localizáveis (os neurônios). O fluxo desta energia seria regido por leis gerais semelhante às da física. Freud parte de uma perspectiva sistêmica e homeostática. O corpo seria para ele um sistema em contato com o meio ambiente que possuiria um mecanismo de autoregulação, através do qual procuraria adaptar-se às mudanças externas e internas.

Neste momento já era de seu conhecimento, como faz notar Strachey, a existência do neurônio como “componente último do sistema nervoso” (1989 b, p. 403), assim descrito por Waley em 1891. No entanto, na época ainda não fora esclarecido o mecanismo através do qual ocorreria a sinapse nervosa. Mesmo assim já era divulgada em seu meio uma leitura energética deste fenômeno, que postulava que a comunicação entre neurônios realizar-se-ia através da distribuição de cargas de energia. Levando-se em conta o grau de desenvolvimento dos instrumentos naquele momento, conclui-se que Freud só pôde então inferir acerca de alguns dos fenômenos que se põe a descrever nesta obra.

É importante notar a respeito de sua carreira na ocasião em que escrevia este texto que, por necessidades financeiras, já iniciara uma atividade clínica deixando suas pesquisas de laboratório de lado. Com isso entra em contato com as históricas e com o chamado método catártico de Breuer (Breuer et Freud, 1991).

Tal método propunha que a histeria seria causado por um estado de hiperexcitação afetiva, em parte gerados por predisposição congênita, em parte pela ocorrência de uma situação traumática. Esta energia acumulada seria convertida em sintomas físicos e poderia ser abreagida, isto é, descarregada pelo relato da paciente quando submetida a hipnose.

Breuer (Ibidem) não ignorava a importância da linguagem, no entanto, sustentava a hipótese da etiologia congênita da histeria. A linguagem teria para ele apenas a função de distribuir energia, funcionando como um substituto para o reflexo, principal via de descarga de energia. Isto era motivo de discórdia entre os dois autores, visto que Freud sustentava a hipótese traumática. Isto é,

de que a histeria seria ocasionada por um evento traumático que acarretaria na dissociação entre representação e afeto.

A partir de seu estágio com Charcot em Salpêtrière a mudança de enfoque – do estudo laboratorial para o clínico - se consolida na carreira Freud. Abandona os estudos estritamente fisiológicos de neurologia e passa a ocupar-se com o problema das neuroses, em especial, o da histeria. Ele apontou que tal doença não seria fruto de embustes e dissimulações, como era sustentado por alguns colegas médicos. Defendia que haveria leis que determinariam o curso da doença, leis que enunciaria em termos psicológicos.

De início, através de Charcot e, mais adiante, com Bernheim em Nancy, Freud entra em contato com a hipnose e a sugestão. A respeito disto afirma:

(...) " a divisão dos fenômenos hipnóticos em fenômenos fisiológicos e fenômenos psicológicos deixa muito a desejar: precisa-se urgentemente de um elo que vincule as duas espécies do fenômenos." (Freud, 1989 c. p. 131)

É com essa preocupação, a de harmonizar os pressupostos fisiológicos e psicológicos, que ele tentou elaborar uma modelo de psicologia através do qual os fenômenos desta esfera pudessem ser explicados em termos de um fluxo de energia. Tal fluxo seria regido pelo “princípio da inércia neuronal” que postula que “os neurônios tendem a se livrar de Q” (1989 b, p. 404). Com isso ele distingue dois tipos de neurônios – motores e sensórios. Os primeiros responsáveis pela descarga, os segundos pela absorção de energia.

Em seguida afirma que, em se tratando de organismos complexos, torna-se necessário muitas vezes o acúmulo de energia para que o organismo possa intervir de forma eficaz no meio e modificá-lo. Freud distingue então duas funções: primária e secundária. Esta priorizando o acúmulo de energia e a ação específica, aquela sendo regida pela descarga imediata e inespecífica.

Esta distinção tem como correlato o estabelecimento de dois tipos de energia: em fluxo (Q) e acumulada (Qn'). Em relação ao neurônio afetado pela última, fala-se de catexia. Este termo refere-se ao acúmulo de energia em determinado neurônio ou representação, trata-se de uma ambiguidade presente neste texto.

Como consequência da acumulação de energia, Freud pensa na existência de barreiras que impediriam o fluxo e possibilitassem a retenção de Q. Neste ponto faz novamente a distinção de dois tipos de neurônios. Um primeiro tipo, com melhor capacidade condutora e sem barreiras (permeável). Um segundo, com barreiras e resistência (impermeável). Em relação a este último salienta a capacidade de se modificar quando afetado pela passagem de energia. Assim, tais neurônios seriam em parte desbloqueados por Q, que deixaria neles traços em sua constituição. Tal fenômeno é denominada de facilitação. Freud sugere que as facilitações são responsáveis pela capacidade de memória. Elas seriam em última instância determinada pela frequência e magnitude de Q.

Faz-se aí a diferença entre os neurônios Φ (permeável) e Ψ (impermeável). Os neurônios Φ estariam em contato com os estímulos provenientes do exterior e Ψ com os estímulos endógenos e com os estímulos provenientes de Φ .

Levando em conta que os estímulos do primeiro tipo são de uma intensidade maior que os do segundo, Freud pensou em “telas de Q” que bloquearia parcialmente a recepção dos estímulos exteriores. Com isto Freud busca acomodar o seu modelo à hipótese clínica da etiologia sexual das histerias. É necessário que as energias acumuladas, cujo efeito traumático e patogênico desencadeia a histeria, tivesse uma fonte interna e sexual. Daí sua capacidade de afetar com mais intensidade o equilíbrio do aparelho psíquico.

É com isto em vista que Freud propõe que alguns neurônios Ψ teriam suas terminações livres. Denomina este sub-tipo de neurônios nucleares. Eles estariam situados no centro do cérebro, ao contrário dos neurônios na periferia (pallium). A dor seria a passagem de Qs altos em Ψ e deixaria facilitações permanentes atrás de si.

Freud depara-se então com o problema da consciência. Ele sugere a existência de mais uma modalidade de neurônios e os denomina de ω . Até aqui ele apenas havia trabalhado com uma explicação baseada em parâmetros quantitativos. Com a introdução do problema da consciência percebe a

necessidade de introduzir elementos que suportassem a percepção da qualidade. Trata-se do núcleo do impasse entre uma explicação neurológica e psicológica. O processo secundário e a prova de realidade não poderia funcionar apenas em termos quantitativos. O julgamento requer a existência de parâmetros qualitativos que propicie uma comparação e o estabelecimento de relações de valor.

A respeito deste novo neurônio, Freud afirma que ele estaria em contato exclusivo com os neurônios Ψ e não seria capaz de armazenar traços mnêmicos. Os neurônios ω seriam afetados exclusivamente por Qs baixas. Sua função seria certificar se o fluxo de energia provém do exterior, isto é, se é fruto de uma estimulação externa. Sua função seria checar a procedência do estímulo e dar o sinal para desencadear uma ação específica. Denomina esta função relativa à consciência de processo secundário. (Ibidem, 424).

Infere-se daí que a prova de realidade não é uma função constituída desde o início, mas que é resultado das relações energéticas estabelecidas entre os neurônios e, como tal, é resultado direto das vivências de prazer e dor.

Freud considerou os neurônios Ψ a mola mestra do aparelho psíquico, pois seria nele que haveria o acúmulo de energia psíquica (Qn'). Seria em Ψ que se delinearía o caminho para a descarga de energia. Para isso seriam necessárias experiências de dor e satisfação que formariam em Ψ associações por simultaneidade.

Entre os neurônios Ψ enquadra-se outro tipo de neurônios: os neurônios chaves ou secretores. Eles seriam responsáveis por descargas de energias acumuladas mediante um processo químico. Assim, facilitaria a descarga de energia necessária para algumas ações psíquicas demandadas pelo processo secundário. Freud com isso ia sedimentando cada vez mais uma autonomia do sistema formado pelos neurônios Ψ .

O processo secundário seria “uma repetição da passagem original [da quantidade] em Ψ , num nível mais baixo e em quantidades menores” (Ibidem, p. 451).

Desta maneira, forma-se em Ψ um complexo de neurônios ligados entre si, facilitados e catexizados pelo fluxo de energia, com caminhos e traços mnêmicos vinculados a descargas de energia. A tal sistema sugere a denominação de ego. Sua função seria inibir o processo primário (Ibidem, p. 438).

Mesmo buscando constituir um modelo homeostático, Freud introduz um elemento desorganizador em sua discussão. Trata-se da importância da relação da criança com seu cuidador, que denomina de próximo ou outro (Nebenmensch). Afirma que esta relação é fundamental para a compreensão do psiquismo humano, já que as experiências de prazer e desprazer de uma bebê são intermediadas por esse outro. Logo, a construção da noção de realidade é correlato desta relação com o outro.

Pode-se dizer que, apesar do linguajar que remete a anatomia, a física e a biologia, Freud neste trabalho não se baseou em experimentos empíricos para respaldá-las, mas em observações clínicas. Seu interesse era a psicopatologia clínica.

Garcia-Roza (Garcia–Roza, 1991) afirma que a novidade do Projeto estaria em transpor a idéia psico-física de quantidade para o campo da psicopatologia através da proporcionalidade entre intensidade do trauma e intensidade do sintoma. Afirma que o projeto não remete à noção de quantidade, mas de intensidade. Define intensidade como "a propriedade de algo que está sujeito a aumento e diminuição e que apesar de implicar quantidade, não é redutível a ela" (Ibidem, p. 87). Esta opinião é respaldada também por Ricoeur (1972), quando ressalta que o aspecto mecânico da quantidade no "Projeto" é menos importante que seu aspecto intensivo.

Decorre daí que todo o aparato psíquico deste texto é hipotético: a energia nele pensada de modo algum é mensurável e sua anatomia tampouco é localizável. Apesar disto estão aí contidos os elementos principais que viriam a constituir a metapsicologia.

Roudinesco (2000) mostra que, apesar do abandono, o *Projeto* atravessa como um fantasma os escritos de Freud. Nos momentos em que Freud constrói ou revê suas idéias metapsicológicas, retoma os temas deste texto como uma

referência velada. É assim no livro dos sonhos (Freud 1991), nos *Artigos Metapsicológicos* de 1915 (1972 c) e em *Além do Princípio do Prazer* (1972 d), só para citar alguns dos momentos mais importantes da articulação teórica psicanalítica.

Este escrito de Freud é para Ricoeur o momento em que a energética e a hermenêutica ainda não estariam suficientemente articulados. Aponta então para os *Artigos metapsicológicos* como ápice dessa articulação. Pode-se daí levantar a hipótese de que este retorno ao Projeto corresponde ao trabalho de articulação teórica entre energética e hermenêutica.

Pode-se afirmar que neste texto Freud situa questões centrais para a constituição de seu aparelho psíquico. Pode-se destacar a importância da linguagem e do outro para o estabelecimento da função de realidade. Isto torna possível a partir daí conceber a existência de uma realidade psíquica. Logo, não se opera neste registro no mesmo campo das ciências naturais.

É importante a referência a outro texto de Freud que clarifica essa posição. Em “Formulação sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” (1972 f), Freud afirma que a distinção entre o processo primário e secundário se deve a mudança no estado de energia, de energia livre para energia ligada. Esta última seria responsável pelo funcionamento do princípio da realidade. O meio pelo qual essa mudança ocorre remete a intervenção da linguagem. Assim, afirma que a mudança no processo de pensamento, que era provavelmente inconsciente de início, torna-se consciente pela ligação com restos de palavras e, com isso, apto para perceber qualidades.

A partir deste relato fica evidente que a realidade é uma construção secundária ocasionada pelo efeito da linguagem no fluxo de energia psíquica. Esta distinção é essencial para a delimitação do conceito de Inconsciente.

6 - Os Artigos Metapsicológicos

A metapsicologia, a bruxa – tal qual é chamada por Freud - é constituída por um conjunto de idéias que, embora não sejam respaldadas empiricamente, fornecem o suporte teórico básico da psicanálise. Seu objetivo é explicar os processos psíquicos através da dinâmica, da tópica e da economia psíquica, os três pilares metapsicológicos (Laplanche et Pontalis, 1996).

O projeto é segundo O. Manoni:

“uma tentativa de colocar a teoria psicológica numa linguagem neurológica, ainda que essa neurologia seja uma neurologia fantástica. O lugar ocupado por essa neurologia será ocupado posteriormente pela metapsicologia”. (Manoni, 1976. p 60)

“Os livros sobre as Afásias (1891) e o Projeto (1895) estão entre os monumentos subsistentes dos vãos esforços da época no sentido de colocar uma ponte entre neurologia e psicologia.” (Manoni, 1976. 21)

Pode-se afirmar que a metapsicologia surgiu de um deslocamento da noção de energia, de uma perspectiva neurofisiológica para uma psíquica. Esse deslocamento possibilita situar a pulsão entre estas duas instâncias. Talvez seja possível identificar neste deslocamento o caráter híbrido constitutivo da psicanálise apontado por Figueiredo (2002).

Tal deslocamento é marcado pela preocupação em dar conta de fenômenos psicopatológicos em detrimento de qualquer mensuração de quantidade de energia, localização anatômica ou identificação de substâncias.

Esse feito tornou necessário, por sua vez, que fossem constituídas novas relações de espaço (tópica), de movimento (dinâmica), de forças (econômica) e, conseqüentemente, de tempo, que se diferissem do modelo físico. Essas relações são fornecidas pela metapsicologia.

Nesse movimento, a linguagem vem assumir lugar estratégico. Ela ascende à função de campo onde atuariam as relações energéticas descritas por Freud. Desta forma, a materialidade a que se refere a psicanálise não se

deixa reduzir à substancialidade corpórea. Esta última é tomada apenas como ponto de partida e é ultrapassada, não negada – ao contrário do que afirma Pribram e Gil (Op. Cit).

Acredita-se que seja esta a posição de Assoun (1993) quando qualifica a pulsão como conceito fundamental da metapsicologia. Para este autor, o aparelho psíquico descrito por Freud tem como função principal fornecer uma explicação a um problema econômico: “dominar e eliminar as quantidades de excitação” (Ibidem, p. 61). Com isso, toda referência a uma materialidade corpórea se torna secundária em favor de uma sequência estável dos processos psíquicos, que se constitui a partir dos lugares percorridos pela excitação. Lugares estes representados ficcionalmente.

A pulsão não é diretamente manipulável. O acesso a ela só se dá por intermédio de seus sucedâneos (representações). E neste ponto a linguagem recebe e fornece materialidade ao modelo psicanalítico.

Sobre isso Ricoeur afirma que a dinâmica e energética em Freud só se anuncia por meio de uma semântica do desejo. Aponta para o caráter ambíguo do discurso psicanalítico que "ora anuncia conflitos de força justificando uma energética, ora relações de sentido justificando uma hermenêutica" (Ricoeur 1972, p. 67). Diz que este caráter misto é a razão de ser da psicanálise: "a energética passa por uma hermenêutica e [...] a hermenêutica descobre uma energética" (Ibidem, p. 67).

Esta colocação não possibilita, contudo, supor que a psicanálise é uma energética ou uma hermenêutica. Ela é uma nova articulação a partir destes dois pontos. Assim Ricoeur afirma que a psicanálise jamais põe em confronto forças nuas, mas forças em busca de um sentido. Desta forma “não é possível realizar essa econômica pura à margem do representável e do dizível” (Ibidem, p. 124).

Da mesma maneira a psicanálise não pode ser considerada uma hermenêutica. Rezende (1993) diferencia a interpretação em psicanálise de uma hermenêutica na medida em que ela se volta para o *pathos*. Tal termo é explicitado por Berlink (1997) a partir de sua origem grega: *pathos* remete ao sofrimento, à paixão, à passividade, à dimensão do Outro. Em seu sentido

cunhado na tradição trágica seria algo da ordem do excesso, da desmesura: “*Pathos* brota do corpo sem dele fazer parte intrínseca e rege as ações humanas” (Ibidem, p. 17).

Rezende (Op. Cit.), a partir desta referência ao *pathos*, afirma que o trabalho psicanalítico abrange não apenas uma interpretação baseada na experiência vivida (característica da interpretação hermenêutica, segundo o autor), mas também a dimensão do sofrimento, do desejo, do limite e da frustração.

Essa dimensão do *pathos* é o pilar da noção de transferência. A transferência é a condição que permite que uma interpretação psicanalítica opere. Ela é a manifestação de impulsos libidinais inconscientes que buscam a repetição de sua satisfação no presente. A transferência é o elemento central da prática clínica.

Nos *Artigos Metapsicológicos* a pulsão tem reconhecido o seu caráter fundamental dentro da psicanálise. Neste mesmo texto Freud (1972 c) busca delimitar com mais acuidade tal conceito e identifica nele 4 componentes constitutivos. São eles:

- 1) Pressão (*Drang*): momento motor da pulsão. Soma de energia representada na pulsão.
- 2) Objetivo (*Ziel*): suspensão do estado de estimulação que geraria a sensação de satisfação
- 3) Objeto (*Objekt*): a parte mais variável da pulsão. Seria aquilo em que ou através do qual a pulsão alcançaria o seu objetivo.
- 4) Fonte (*Quelle*): processo somático de um órgão ou parte do corpo cujo estímulo é representado psiquicamente através da pulsão. Não é objeto de estudo psicanalítico.

Ricouer (1972) aponta o lugar privilegiado que o objetivo da pulsão ocupa em relação aos demais componentes. Com isso, não só a categoria de objeto recebe um novo estatuto - adquirindo significado psíquico apenas enquanto implicado na satisfação pulsional - como também a própria noção de sujeito. Ricouer cita o texto *Sobre o Narcisismo* (Freud, 1972 b) para frisar que as

funções de sujeito e objeto são secundárias à organização econômica da pulsão.

Se o objetivo da pulsão é o elemento central para a prática psicanalítica, isto implica em priorizar o circuito pulsional no processo de cura. E Freud buscou provar isto por intermédio dos sonhos, dos atos falhos e dos chistes, a saber, de que o circuito pulsional é organizado pela linguagem. Através da linguagem obter-se-ia efeitos no corpo, é disso que consiste uma cura pela fala.

No entanto, a fala aponta para a impossibilidade de obtenção de uma satisfação total por meio de um objeto. O que há são satisfação parciais sob um fundo de insatisfação, que sempre permanece como resto.

Através da pulsão, corpo e linguagem estão imbricados. A linguagem é anterior ao sujeito, subverte-o e evoca a dimensão do Outro em sua radicalidade. Não como objeto, mas como alteridade que possibilita a inserção no mundo da linguagem.

Colocada de maneira sintética, a questão pode ser expressa da seguinte maneira: a psicanálise recebe sua especificidade de uma certa concepção de linguagem e de sujeito, que se apoia numa determinada interpretação do conceito de pulsão. Disto decorre uma terapêutica baseado em uma causalidade e uma ética específica. Pode-se falar, portanto, de uma outra funcionalidade da psicanálise. Essa discussão será desenvolvida em seguida a partir da perspectiva de Figueiredo.

7 - O Modelo das Matrizes Psicológicas

No livro sobre as matrizes do pensamento psicológico Figueiredo (2000) procura refletir sobre o que poderia ter gerado a diversidade metodológica e teórica presentes na psicologia. Com este intuito procura formular modelos que pudessem congregam parâmetros de inteligibilidade e interesses dentro da constituição do espaço do saber psicológico. Propõe daí o esquema das matrizes. Nesta discussão se questiona sobre a relação entre psicologia e ciência, assim como sobre o lugar da psicanálise entre as diversas correntes da psicologia.

Em uma conferência em Fortaleza Figueiredo (2002) comentando este modelo e afirma que não há uma matriz específica em que se possa enquadrar a psicanálise, embora pondere que seja possível encontrar elementos presentes no discurso psicanalítico que remetam a várias matrizes diferentes.

De acordo com o autor, a psicanálise seria um híbrido teórico pois possui consistência epistemológica interna, coerência e originalidade. Difere-se de um ecletismo, pois desta origem múltipla consegue delimitar um espaço específico de atuação.

Figueiredo afirma ainda que a psicanálise situa-se numa posição complexa e contraditória, de enfrentamento e impertinência, frente a modernidade tardia, pois traria em seu cerne a discussão da função do desconhecimento como dimensão essencial do processo de subjetivação. Tal posição o leva a caracterizá-la como uma enclave na modernidade.

Com isso a psicanálise trabalharia sob a perspectiva de uma outra eficácia, que diferiria radicalmente da eficácia tecnológica presente nas ciências naturais. Explica:

“O trabalho analítico não se esgota no conhecimento acerca do psiquismo [...] Ele só se realiza na medida em que há alguma produção, alguma transformação subjetiva, e isso vai muito além [...] do que seria uma questão meramente cognitiva, de compreender e interpretar” (Figueiredo, 2002. P. 08).

Esse lugar de enclave se deve a simultânea não incorporação e inclusão parcial da psicanálise em relação ao discurso científico. É possível afirmar que esta posição se deve à articulação ímpar entre corpo, sintoma, linguagem proporcionada pelo conceito de pulsão, o que garante a eficácia e especificidade psicanalítica.

A metapsicologia é, para Assoun (1993), o que fornece a psicanálise a sua garantia de verdade e funda uma nova racionalidade. Racionalidade esta possuidora de uma materialidade e causalidade específica. Essa garantia de verdade não constitui, contudo, uma visão de mundo pois não se propõe explicar leis fenomênicas gerais. A sua generalidade está particularmente ligada ao “real singular da clínica” (Ibidem, p. 46).

Ora, isso implica em um funcionamento lógico que não se reduz simplesmente nem a uma indução a partir do fato clínico, tampouco a uma dedução pela metapsicologia. Há uma tensão entre o particular e o universal, na qual a interpretação se insere e transforma a sua própria condição, de modo que não se pode falar de uma interpretação pura a partir daí. Isto levou Freud afirmar que a psicanálise tem que ser reinventada a cada início de análise. Ou seja, apesar do rigor metapsicológico, nada permite que se constitua aí um ideal de cumulatividade.

É neste sentido que a psicanálise se diferencia de uma teoria psicopatológica, na medida que, segundo Assoun, ela se caracteriza pelo “encontro frontal e incontornável do sintoma”, pelo “encontro ao vivo de um saber com seu objeto” (Ibidem, p. 43)

Nisso, a psicanálise não se deixa subsumir pela oposição de pares como dedução e indução, materialismo e idealismo, pragmatismo e positivismo. Ela tem a sua própria lógica e rigor que é a do fato clínico. Ela não parte de um axioma constituído, mas reintroduz o princípio de falta excluído de todo saber científico moderno.

Esse princípio da falta remete a dimensão do Outro como constitutiva do Sujeito, pilar do funcionamento da clínica psicanalítica por meio da transferência.

No entanto, Pommier (1994) afirma que o sujeito da psicanálise é o mesmo sujeito da ciência. Ambos se situariam um em relação ao outro como “o direito e o avesso podem se referir a uma superfície idêntica” (Ibidem, p. 64). Para Dor (1993) o que diferiria psicanálise da ciência seria como o discurso de cada uma se constitui pela apreensão desse sujeito: a ciência, excluindo a dimensão da falta como sua causa; a psicanálise problematizando-a.

Essa exclusão do sujeito se dá, de acordo com Dor (Ibidem), na medida que se estabelece um axioma. Um axioma é um fundamento último para o conhecimento, fundamento que não deixe nenhuma brecha e que possibilite uma garantia de verdade. É neste sentido que o discussão sobre a verdade pela ciência é fechada, pois “encontra em si mesma argumentos para se fundamentar legitimamente” (ibidem, p. 28). Pode-se afirmar daí que as garantias da ciência se dá pela exclusão desta dimensão da falta fundante. Para Pommier (op. cit.) o desejo de saber é o desejo de desconhecer o furo da origem, o furo causado pela alienação ao Outro.

A psicanálise, por sua vez, se respalda em um “paradoxo instaurador” (Dor, op. cit.) que é esta própria dimensão da falta. Ao tomar a falta como axioma, ela se situa de maneira paradoxal diante da ciência. Se por uma lado ela se ausenta em apresentar garantias científicas, posto que se recusa a apresentar um axioma fechado, por outro enuncia uma certa verdade sobre o sujeito.

Daí resulta uma situação peculiar. Segundo Dor a psicanálise “não é uma ciência, mas está no coração do processo de cientificidade” (Roustang Apud Dor, 1993). Para Pommier (Op. Cit.) ela ao mesmo tempo é e não é uma ciência.

Talvez seja possível relacionar esta questão ao que Figueiredo aponta como o não-lugar da psicanálise no modelo das matrizes científicas. Se de um lado a psicanálise defende uma racionalidade radical quando imputa uma causalidade psíquica a fenômenos tomados por irrelevantes ou irracionais, por outro lado subverte uma dos pilares tomados por fundamentais como condição para o conhecimento: a do sujeito da consciência autônomo. Talvez essa

noção de sujeito esteja no pilar de toda posição científicista: pode-se conhecer tudo, logo, não há falta, pode-se tudo.

Este desacordo quanto a eficácia demarcaria uma diferença fundamental e uma fonte inesgotável de tensão entre a psicanálise e as demais ciências. Esta tensão abrange inclusive as relações com a psiquiatria e as psicologias. Principalmente no que diz respeito a maneira de se entender e tratar as patologias psíquicas.

Embora influencie toda uma tendência dentro da psiquiatria e parta de uma preocupação psicopatológica, a psicanálise não pode ser enquadrada como uma teoria do fato psicopatológico. Isto se explica pela subversão da noção de sujeito, o que ocasionou uma verdadeira reviravolta na função do diagnóstico.

Na psicopatologia tradicional o sintoma, ou o conjunto deles, é o que caracteriza a doença, que adquire a partir da sua inclusão em um quadro nosográfico estatuto quase ontológico, já que a doença passa a existir independentemente do sujeito que dela faz queixa.

Na psicanálise o sintoma é considerado uma formação de compromisso. Ou seja, é resultado de um processo em que o sujeito pela via do inconsciente está implicado através de sua fala. O sintoma comporta ao mesmo tempo um sofrimento, mas também uma satisfação pulsional. Não se trata de um elemento que possa ser tomado em separado da própria estrutura da subjetividade e extirpado. Faz-se necessário para ingresso em um processo psicanalítico transformar o sintoma, de uma resposta em uma pergunta. Uma pergunta que remeta o sujeito a sua própria constituição enquanto ser de falta. Desta maneira o diagnóstico é apenas o começo do processo de investigação. Sua função é o de apontar a direção que a análise tomará. Prática inversa se encontra na psicopatologia, pois, como afirma Braunstein (1987), o diagnóstico geralmente se coloca como o fim do processo investigativo.

Pode-se afirmar daí que a Psicanálise não se propõe a ser uma teoria psicopatológica, pois não trata a doença como entidade nosológica independente. Por outro lado, como já foi mencionado, ela nasceu no seio da psicopatologia e influenciou de maneira marcante o desenvolvimento de várias

teorias da psicopatologia. Percebe-se aqui novamente uma relação que não é a de inclusão, mas que comporta um intercâmbio produtivo a partir de uma tensão irreduzível.

E como anda essa relação nos dias de hoje? Beauchesne (1989) faz um apanhado geral da história da psicopatologia e analisa as tendências na atualidade. Ele afirma que não houve o surgimento nos últimos tempos de um modelo explicativo que tenha se firmado como hegemônico, o que culminou na fragmentação teórica e prática deste campo. Em reação a esta fragmentação as forças em conflito haveriam se agrupado em duas linhas de orientação opostas.

A primeira delas almejava a unificação da psicopatologia através da padronização semiológica e da constituição de um quadro nosográfico único. Preocupação esta objetivada nos manuais de classificação DSM e CID. Nessa linha, a explicação psicopatológica seria relegada ao segundo plano em favor de um pragmatismo empírico. Os sintomas seriam compreendidos principalmente em referência a modelos biológicos. Sua sustentação teórica e terapêutica estaria alicerçada na farmacologia, na genética e na bioquímica.

A segunda corrente teria como meta principal a unificação teórica e encontraria seu sustentáculo numa psicopatologia dinâmica de cunho psicanalítico. Ressalta aqui o projeto de Lacan de retorno a Freud.

Beauchesne se coloca de forma crítica em relação a primeira tendência, pois esta relegaria a segundo plano a explicação do fato psicopatológico. Brauenstein (1987) vai mais além nessa crítica. Diz que a psicopatologia só se sustentará enquanto ciência quando oferecer uma explicação plausível das patologias psíquicas. Descrição e classificação não bastariam para garantir-lhe especificidade. Estas duas ações, segundo ele, seriam apenas os primeiros passos do processo de criação do saber científico. Desta forma o retorno à psicanálise enquanto explicação do fato psicopatológico contribuiria para a emancipação da psicopatologia em relação às demais ciências biológicas.

Propõe-se aqui analisar essas duas tendências a partir da noção de funcionalidade proposta por Figueiredo: de um lado, uma funcionalidade

pragmática-cientificista (a primeira corrente), de outro, uma funcionalidade de orientação psicanalítica, tal qual foi descrita a partir do conceito de pulsão.

É possível concluir através do texto de Birman (1999) citado no início deste trabalho, que a primeira destas duas tendências apontadas por Beauchesne teria se consolidado nas últimas três décadas. Birman constata neste período a aproximação da psicopatologia com a psicofarmacologia e as neurociências.

A psicofarmacologia é utilizada como terapêutica genérica para todo tipo de problema que surja na clínica. Roudinesco se refere ao tratamento dispensado pela psiquiatria atual: “Cada paciente é tratado como um ser anônimo, pertencente a uma totalidade orgânica” (Roudinesco 2000, p. 14).

Braunstein (1980) e Roudinesco (2000), sem se referir a um período específico, constata a mesma tendência. Este divórcio entre psicopatologia e psicanálise decreta para Roudinesco (2000) o fim de psiquiatria dinâmica.

Braunstein aponta para o diagnóstico como elemento central desta discussão. Para ele, o diagnóstico não é a constatação de uma realidade empírica pelo saber científico. Trata-se antes de uma resposta para uma demanda social. Esta demanda implica em um saber suposto que se imagina poder dar conta de um mal-estar, de um sofrimento. Ele situa nesta dinâmica um processo que remete inevitavelmente a dimensão simbólica e a relação com o Outro, logo, uma relação transferencial.

O diagnóstico, por sua vez, ao partir da classificação nosológica, a atualiza, a renova e a presentifica. Ele afirma que a classificação nosológica não pode ser tomada por um saber fechado e exato. Trata-se antes do produto de um processo social que visa dar conta de uma demanda de sofrimento. Neste processo, diagnóstico e nosologia se respaldam mutuamente.

Sem querer entrar na questão se a psicanálise poderia ou não fornecer o estatuto de cientificidade à psicopatologia, vale a pena problematizar este dito divórcio entre psicanálise e psicopatologia. O resultado disto é, por um lado, a aceção de um modelo reducionista de diagnóstico que tende a excluir a dimensão simbólica e social presente nele; pela outra tangente resulta na

acomodação da psicanálise à um modelo biologizante que a torna vazia de potencial criativo e crítico.

A alienação da psicanálise de sua especificidade passa inevitavelmente por uma interpretação diferenciada do conceito de pulsão. Seja para defender uma autonomia do eu, como denuncia Braunstein (1980), seja para acoplar a pulsão à biologia como ressalta Roudinesco (2000) e Birman (1999). Figueiredo (2002) e Birman (1999) apontam para os riscos de se reduzir a psicanálise à uma perspectiva funcionalista como forma de adaptá-la a modelo de eficácia científica vigente. Isto quer dizer, uma terapêutica a mais que visa ao desaparecimento do sintoma. Isto significaria segundo estes autores a perda da especificidade e da própria razão de ser da psicanálise.

8 – Conclusão

Neste trabalho buscou-se desenvolver uma reflexão sobre a influência crescente das neuro e biociências sobre as práticas psicológicas, em especial, sobre a prática psicanalítica. Levantou-se a hipótese de que, com o desenvolvimento tecnológico, muitas das pretensões científicas existentes no fim do século XIX retornaram. Defendeu-se que o lugar que psicofarmacologia vêm assumindo nos últimos tempos como instrumento terapêutico privilegiado, bem como o advento da toxicomania como um problema social, está ligado a esta questão.

Como reflexo dessa situação percebe-se o agravamento da fragmentação do campo epistemológico da psicologia, campo este já heterogêneo e fragmentado em sua origem. Constatou-se que o espaço cada vez maior que vem ganhando a teoria cognitivo-comportamental pode ser interpretado como consequência deste quadro. Ou seja, cada vez mais as psicologias estão se apropriando da nosografia e do processo diagnóstico psiquiátrico. Terapias curtas focadas no sintoma (previamente catalogados) como auxiliar à intervenção medicamentosa são a tônica do momento.

Constatou-se com Birman (1999) e Figueiredo (1991 e 2002) uma tendência em se assimilar a psicanálise a este modelo de intervenção. Como exemplo disso foram citados alguns autores que realizaram determinada leitura de Freud com o horizonte em vista de resgatar em seus textos elementos que possibilitem reduzi-lo a uma hipótese cognitivista, neurológica ou mesmo farmacológica. Neste sentido o trabalho de Gill e Pribam (1976) ilustram bem essa tendência: o objetivo desses autores é de transformar a metapsicologia em um modelo neurológico e cognitivo.

Foi defendido que estas iniciativas desconhecem a originalidade da proposta freudiana. Reconheceu-se a multiplicidade dos escritos freudiano e o hibridismo do campo teórico psicanalítico. Contudo, frisou-se que há algo que municia a prática fundada por Freud de uma especificidade que a torna irreduzível a uma metodologia e ética exterior ao seu campo de atuação.

Defendeu-se que tal particularidade se deve ao enlaçamento entre corpo e energia psíquica, por um lado; com as noção de linguagem e representação, de outro.

Com o objetivo de apontar a importância destes pilares na constituição do campo psicanalítico foi realizado uma revisão de dois textos considerados da fase neurológica de Freud: a monografia sobre as afasias e o projeto para uma psicologia científica. Procurou-se demonstrar, sem desconhecer o interesse expressos nestes trabalhos pela neurologia, um determinado vetor: como Freud circunscreveu uma determinada brecha no campo da ciência e propôs um método igualmente racional – mesmo que de uma racionalidade *sui generis*, possuidor de uma ética própria – para avaliar determinados fenômenos clínicos. Acredita-se que a obra Freudiana é destituída de significado quando tolhida de sua referência clínica.

Neste sentido há uma distância intransponível entre a clínica médica tradicional e a clínica psicanalítica. Foi buscado explicitar essa diferença pela discussão das funções do diagnóstico e da nosografia numa e noutra. Com isso, concordou-se com Figueiredo a respeito da existência de uma outra funcionalidade da prática psicanalítica.

Todavia não se defende aqui um isolamento da psicanálise de outros campos do saber. A motivação que levou a escrita deste trabalho é justamente a inversa. Tampouco deixa-se de reconhecer os avanços da farmacologia e das ciências neurológicas e biológicas, assim como a contribuição que daí adveio para o bem estar de várias pessoas. O que se critica é a imposição dessas áreas como modelo terapêutico, bem como a assimilação bruta deste modelo pela psicologia e psicanálise.

A questão do cientificismo surge como uma referência necessária. Não para desqualificar os avanços científicos, mas para mostrar os seus excessos e suas consequências no campo social, visto que defende-se a existência de um mal-estar constitutivo. Neste sentido a discussão acerca das toxicomanias surge como um passo necessário pois, assim como a histeria era para a ciência do sec. XIX, elas põe em questão o saber constituído na atualidade.²

² Esta opinião, com a qual o autor concorda, foi enunciada pela professora Elizabeth Mota

A psicanálise esteve em seu surgimento no cerne dessa discussão e contribuiu de forma crítica e criativa, de maneira dialógica – não sem nenhuma tensão - com outros campos. O isolamento que se processa hoje da psicanálise com a psicopatologia destituí a primeira de seu potencial crítico.

Para que essa interação seja possível, faz-se necessário a existência de um campo mínimo de reconhecimento mútuo e um esforço de aproximação de ambos os lados. Se ele ocorrerá ou não é uma questão que se lança para o futuro. Este trabalho se insere nesta perspectiva ao sustentar que alguns elementos não podem ser extirpados da prática psicanalítica, sob o risco de transformá-la em outra coisa, algo sem potencial crítico e criativo. Trata-se justamente das relações expressas na metapsicologia entre representação e linguagem, que suporta a transferência, pilar da clínica psicanalítica.

Acredita-se que esta reflexão pode ser estendida a outros campos de atuação psicológica.

9 - Bibliografia

- ASSOUN, Paul-Laurent. Metapsicologia Freudiana: Uma Introdução. Rio De Janeiro: Jorge Zahar. 1993
- BEAUCHESNE, Hervé. História da Psicopatologia. Martins Fontes. São Paulo. 1989
- BERLINCK, Manoel Tosta. O que é Psicopatologia Fundamental. In: Psicologia Ciência e Profissão, 17, (2), 13-20. Brasília, 1997
- BRAUNSTEIN, Néstor A. Psiquiatria, Teoría del Sujeto, Psicoanálises (Hacia Lacan). Siglo Veintiuno. México. 1987
- BIRMAN, Joel. A psicopatologia na Pós-modernidade: As Alquimias no Mal-estar da Atualidade. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. II, 1: 35-49, março 1999
- BICK, Robert (Org.). Freud e a Cocaína. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo. 1989
- BREUER, Josef et FREUD, Sigmund.. Studien über Hyterie. Frankfurt am Main: Fischer, 1991
- DOR, Joël. A-cientificidade da Psicanálise. Tomo I. Porto Alegre: Arters Médicas. 1993
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. Matrizes do Pensamento Psicológico. Vozes. Petrópolis. 1991
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. Para Além das Matrizes: a Psicanálise como Enclave na modernidade. Texto não publicado apresentado na Semana de Psicologia da Universidade Federal do Ceará em 2002
- FOCCHI, Guilherme R. de Azevedo et al. Dependência Química: Novos Modelos de Tratamento. São Paulo: Roca. 2001.
- FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos remetidos a Fliess, edições completas, Vol. I, Rio de Janeiro: imago, 1989 a
- FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia Científica. edições completas, Vol. I, Rio de Janeiro: imago, 1989 b
- FREUD, Sigmund. Prefácio a tradução de *La Suggestion* de Bernheim. edições completas, Vol. III, Rio de Janeiro: imago, 1989 c
- FREUD, Sigmund. Die Traumdeutung. Frankfurt am Main: Fischer, 1991
- FREUD, Sigmund. Zur Auffassung der Aphasien. Frankfurt am Main: Fischer, 2001 a
- FREUD, Sigmund. Die Frage der Laienanalyse. In: Abriss der Psychoanalyse: Einführende Darstellung. Frankfurt am Main: Fischer, 2001 b
- FREUD, Sigmund. Drei Abhandlugen zur Sexualtheorie. Studienausgabe Band V. Frankfurt am Main: Fischer, 1972 a
- FREUD, Sigmund. Zur Einführung der Narzissmus. Studienausgabe – Band III. Frankfurt am Main: Fischer, 1972 b
- FREUD, Sigmund. Die Metapsychologischen Schriften. Studienausgabe Band III. Frankfurt am Main: Fischer, 1972 c
- FREUD, Sigmund. Jenseits des Lustprinzips. Studienausgabe Band III. Frankfurt am Main: Fischer, 1972 d
- FREUD, Sigmund. Das Unbehagen in der Kultur. Studienausgabe Band IX. Frankfurt am Main: Fischer, 1972 e
- FREUD, Sigmund. Formulierung über die zwei Prinzipien des psychisches Geschehen. Studienausgabe Band III. Frankfurt am Main: Fischer, 1972 f
- FREUD, Sigmund. Die Zukunft einer Illusion. Studienausgabe Band IX. Frankfurt am Main: Fischer, 1972 g
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Introdução a Metapsicologia Freudiana: Vol. I. Jorge Zahar Editores, Rio De janeiro, 1991
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o Inconsciente. Jorge Zahar Editores, Rio De janeiro, 1992
- GAY, Peter. Freud: uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.
- GILL, Merton et PRIBRAM, Karl. O Projeto de Freud: um Exame Crítico. São Paulo: Cultrix. 1976

- KNAPP, Paulo. Prevenção à Recaída. In: Ramos, Sérgio de Paula et Al. Alcoolismo Hoje. Porto Alegre: Artes médicas. 1997
- LACAN, Jacques. Escritos. Jorge Zahar Editores, Rio De janeiro, 1998
- MANNONI, O. Freud e a Psicanálise, Editora Rio, Rio de Janeiro, 1976
- POMMIER, Gerard. A neurose Infantil da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994
- QUINET, Antônio. A 4 + 1 condições de Análise. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1991
- REZENDE, Antônio Muniz de. A Investigação em Psicanálise: Exegese, Hermenêutica e Interpretação. In: SILVA, Maria Emília Lino da. Investigação e Psicanálise. Papirus, Campinas 1993.
- RICOEUR, Paul. Da Interpretação: Ensaio sobre Freud. Imago, Rio de Janeiro, 1977
- ROUDINESCO, Elisabeth. Por que a Psicanálise. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2000
- Laplanche, J. et Pontalis J. –B. Das Vokabular der Psychoanalyse., Suhrkamp, Frankfurt am Main. 1996
- SANTIAGO, Jésus. A Droga do Toxicômano: uma Parceria cínica na Era da Ciência. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2001
- SMITH, Derek J. Freud (1891): Sigmund Freud as Cognitive Modeler. Disponível em: <http://www.smithsrisca.demon.co.uk/psyfreud1891.html>> acesso em 4 mar. 2002